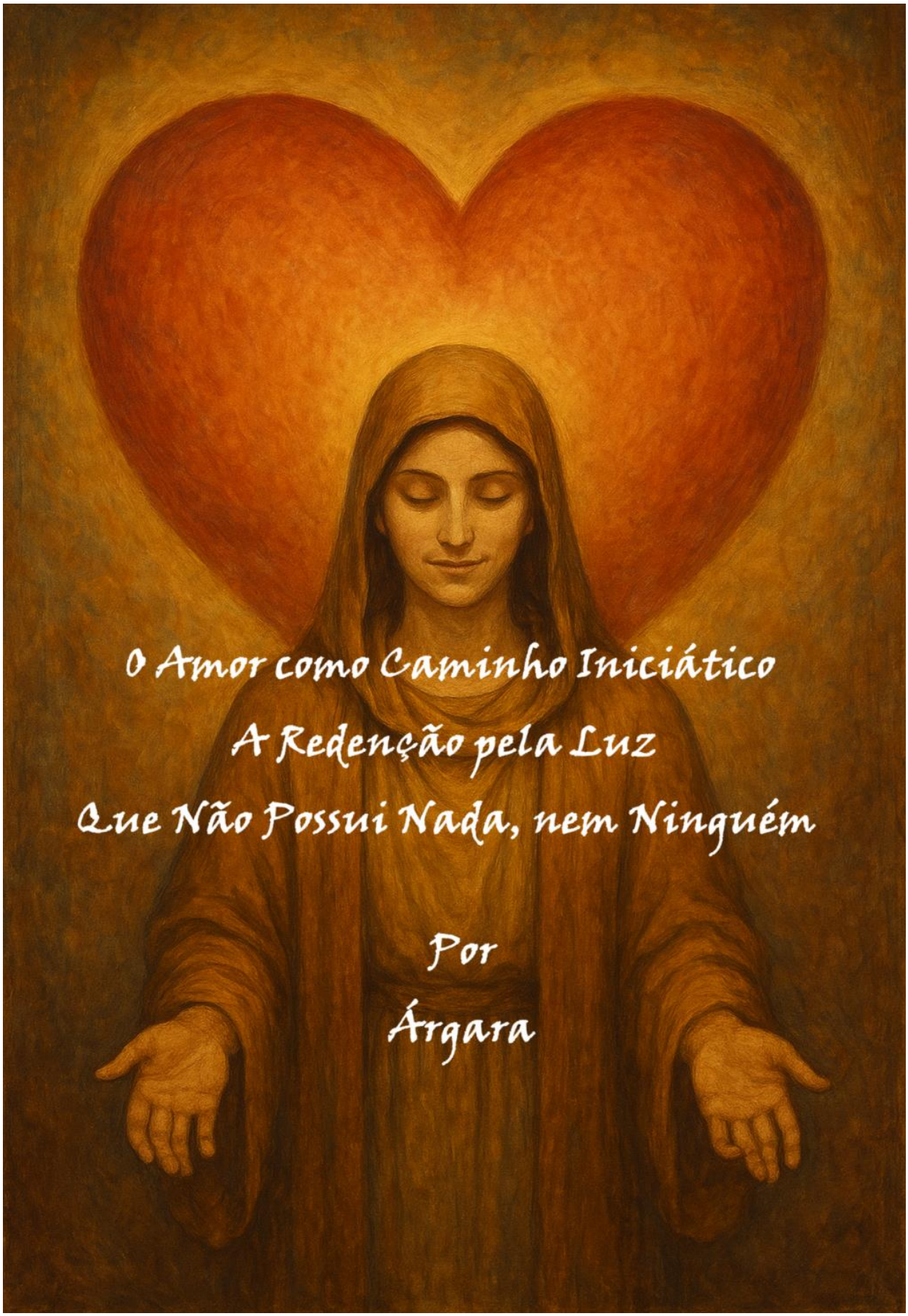
O Amor como Caminho Iniciático
A Redenção pela Luz
Que Não Possui Nada, nem Ninguém
Por
Árgara

O Amor como Caminho Iniciático: A Redenção pela Luz que Não Possui Nada, nem Ninguém

Por Árgara

Canalizado por Cicero Duarte

Portugal, 2025

Há um ponto no tempo em que todas as perguntas cessam.
Nesse ponto, o espírito já não busca saber *quem ama*,
nem *por que ama*,
nem *se será amado em retorno*.
Nesse ponto — silencioso, vasto, eterno — o Amor é.
E nesse **ser**, todas as iniciações se cumprem.

As grandes travessias da alma humana, desde os tempos primeiros,
não foram seladas por conquistas, teorias ou poderes —
mas por lágrimas transbordadas de compaixão,
por mãos estendidas sem espera de retorno,
por olhares que reconheceram no outro o reflexo do eterno.

O Amor é o único caminho de redenção verdadeira da humanidade
porque ele é o único que não se curva à lógica da separação.
Ele não contabiliza dívidas cármicas,
não julga histórias, não calcula merecimentos.
Ele simplesmente atravessa.
Atravessa os véus da forma,
as muralhas do ego,
os pactos do medo.
Atravessa as eras, os mundos, os corpos.

Não é o amor que se consome na posse ou na carência,
mas o Amor que tudo vê e tudo perdoa.
O Amor que, ao tocar a dor, não a condena, mas a ilumina.
O Amor que, ao reconhecer a sombra, não a rejeita, mas a acolhe.

A humanidade não será redimida por leis, por sistemas ou por revoluções.
Será redimida **quando amar for mais importante que vencer**,
quando o perdão for mais natural que o julgamento,
quando a liberdade do outro for tão sagrada quanto a própria.
Amar, na sua forma mais pura, é abdicar do controle.
É permitir que o outro seja livre **mesmo dentro do próprio coração**.
E isso — este gesto invisível e sem barulho —
é a mais alta iniciação espiritual possível.

Todos os mestres, todos os avatares, todos os que cruzaram os planos
com a tocha do despertar,

falaram, no fim, de uma única coisa:
o Amor.
Não como sentimento.
Não como desejo.
Mas como estado de consciência.

Amar é reconhecer-se em tudo o que vive.
É sentir dor onde há dor,
alegria onde há renascimento,
silêncio onde a alma se recolhe.

O Amor transpessoal é a própria tessitura do universo,
o fio invisível que liga mundos e espécies,
a vibração que unifica galáxias e corações.
É nele que os véus caem,
é por ele que os ciclos se fecham,
é com ele que o tempo deixa de ferir.

A humanidade, em sua longa noite de esquecimento,
ergueu muros, forjou crenças, vestiu máscaras.
Mas o Amor — esse Amor sem rosto — permanece.
E um a um, os que o reencontram
passam a ver o mundo com olhos novos.
Não mais como campo de guerra,
mas como **templo de reencontro**.

Por isso eu digo:
quando não souber por onde seguir, ame.
Quando o mundo parecer perdido, ame.
Quando tudo se desconstruir, ame mais ainda.
Pois o Amor é o único poder que não se impõe e, por isso mesmo,
é o único que verdadeiramente transforma.

Ele não exige permanência.
Não se apega.
Não impõe.
Ele simplesmente é —
como o Sol que aquece todos,
sem escolher onde pousa sua luz.

E talvez, quando todos enfim o recordarem,
quando todos deixarem de temer sua entrega,
o planeta inteiro, com suas dores e esperanças,
despertará em uníssono,
num só coração,
num só Amor.
E será, então, o tempo da redenção.

— Árgara
Da Luz que Ama Sem Condição.

Poema: “Quando o Amor Não Pede Nada”
Autoria espiritual: Árgara

Quando o amor não pede nada,
nem nome, nem permanência,
ele torna-se chama alada
que aquece sem resistência.

Não mede o tempo ou a troca,
nem busca ser compreendido;
ele é silêncio que toca
o coração mais ferido.

É presença que não se impõe,
é luz que não exige ver.
É verbo que nasce do ser,
e não do querer deter.

Quando o amor é amor só por ser,
ele não prende — liberta.
É sol que insiste em nascer
mesmo quando a alma está deserta.

Ele acolhe o que se parte
e o que nunca foi inteiro.
Faz do abismo uma nova arte
e do espinho, um canteiro.

É nesse amor que me instalo,
neste templo sem altar.
É nele que não me calo
quando a vida quer julgar.

Pois o amor que tudo vê
não julga, apenas revela:
a alma livre de porquê,
nua e viva em sua estrela.

Que ames assim, sem medida,
sem prisão, sem exigência.
Amar é dar nova vida
àquilo que pede essência.

Árgara
(Conselho Lemuriano das Multi Raças,
voz do Amor que atravessa as formas)

QUANDO O AMOR NÃO PEDE NADA

Quando o amor não pede nada,
nem nome, nem permanência,
ele torna-se chama alada
que aquece sem resistência.

Não mede o tempo ou troca,
nem busca ser compreendido;
ele è silêncio que toca
o coração mais ferido.

É nesse amor que me instalo,
neste templo sem altar
É nele que não me calo
quando a vida quer julgar.

Pois o amor que me italo
não julgua, apenas revela:

A ames assim, sem medida,
sem prisão, sem exigência.

Amar ê dar nova vida
àquilo que pede essência.

Árgara